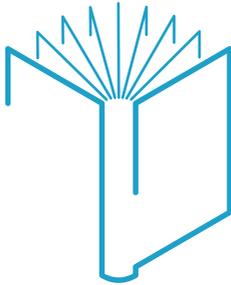


**Biblioteca
de Ciências
da Saúde
da Universidade
Federal do Ceará:
70 anos**



70 ANOS

**BIBLIOTECA
DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE**

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Reitor Prof. Dr. Henry de Holanda Campos

IMAGENS

Acervo Fotográfico do Memorial da UFC

TEXTO

Cleide Ancilon de Alencar Pereira

APRESENTAÇÃO DA PUBLICAÇÃO

Rafael de Farias Vieira (Historiador do Memorial da UFC)

APRESENTAÇÃO DA BIBLIOTECA

Eliene Gomes Vieira Nascimento (Diretora da BCS)

COORDENAÇÃO PROJETO GRÁFICO

Camila Bezerra Furtado Barros

DIAGRAMAÇÃO

Cleilton Pereira dos Santos

Lícia Braga Pereira

Nilson de Carvalho Sales

CAPA

Cleilton Pereira dos Santos

Lícia Braga Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B582 Biblioteca de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará: 70 anos / Adeli Gomes Moreira ... [et al.]. – Fortaleza: Memorial da UFC, 2019. 79 p. : il. color. ; 23 cm.

ISBN: 978-85-7485-349-9

Esta publicação foi composta para as comemorações dos 70 anos da Biblioteca de Ciências da Saúde, contada a partir da perspectiva dos seus funcionários. Todavia, com o falecimento da primeira Bibliotecária desta Unidade, que também, foi a primeira Diretora, a Sra. Cleide Ancilon de Alencar Pereira, a publicação tornou-se uma homenagem a esta singular profissional.

1. Biblioteca de Ciências da Saúde. 2. Universidade Federal do Ceará. 3. Memória. I. Moreira, Adeli Gomes, org. II. Vieira, Rafael de Farias, org. III. Guerra, Gislene Soares, org. IV. Título.

CDD 025.0098131

Organizadores
Adeli Gomes Moreira
Rafael de Farias Vieira
Gislene Soares Guerra
Eliene Gomes Vieira Nascimento
Joaquim Melo de Albuquerque

Biblioteca de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Ceará: 70 anos



**Fortaleza
2019**

Sumário



Apresentação.....	09
70 anos da Biblioteca de Ciências da Saúde: quem éramos e quem somos.....	11
A BCS na visão de seus técnicos administrativos	12
História e casos da Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFC	15
Preâmbulo	17
Introdução.....	19
Mudança	22
Organização.....	24
Acervo.....	26
Fusão das Bibliotecas.....	33
Panorama da Biblioteconomia.....	36
Outros serviços e atividades desenvolvidas.....	46
Multa	49
Instalações.....	51
Conclusão	56
Casos e casos	61
Depoimentos.....	67
Cleide Ancilon de Alencar Pereira.....	68
A bibliotecária como oráculo do saber e do aprender	70
A sombra que sonha	73
A história continua	77

Apresentação



A proposta desta publicação é apresentar a história da Biblioteca de Ciências da Saúde a partir do próprio relato da sua bibliotecária mais antiga: Cleide Ancilon de Alencar Pereira (20/03/1934 - 24/04/2018). Desde a primeira leitura, ficou claro que o relato escrito pela bibliotecária é único. Primeiro, porque não é comum os profissionais de setores administrativos da Universidade terem tempo e necessidade prática de construírem relatos autoavaliativos, a não ser em relatórios de gestão, geralmente marcados por uma impessoalidade e por um distanciamento que não estão presentes no relato de Cleide. Segundo, o relato se particulariza pela riqueza de seu conteúdo e detalhes.

A riqueza do relato de Cleide Ancilon não recai apenas na dedicação de sua confecção e da precisão das informações, assim como não apenas no ritmo leve e na narrativa descontraída. Antes de tudo, seu valor recai no caráter técnico e autocrítico do trabalho, que evidencia a capacidade da profissional que escreveu, constituindo um relato do próprio processo de aprendizagem profissional pelo qual Cleide passou durante sua contribuição ao serviço público.

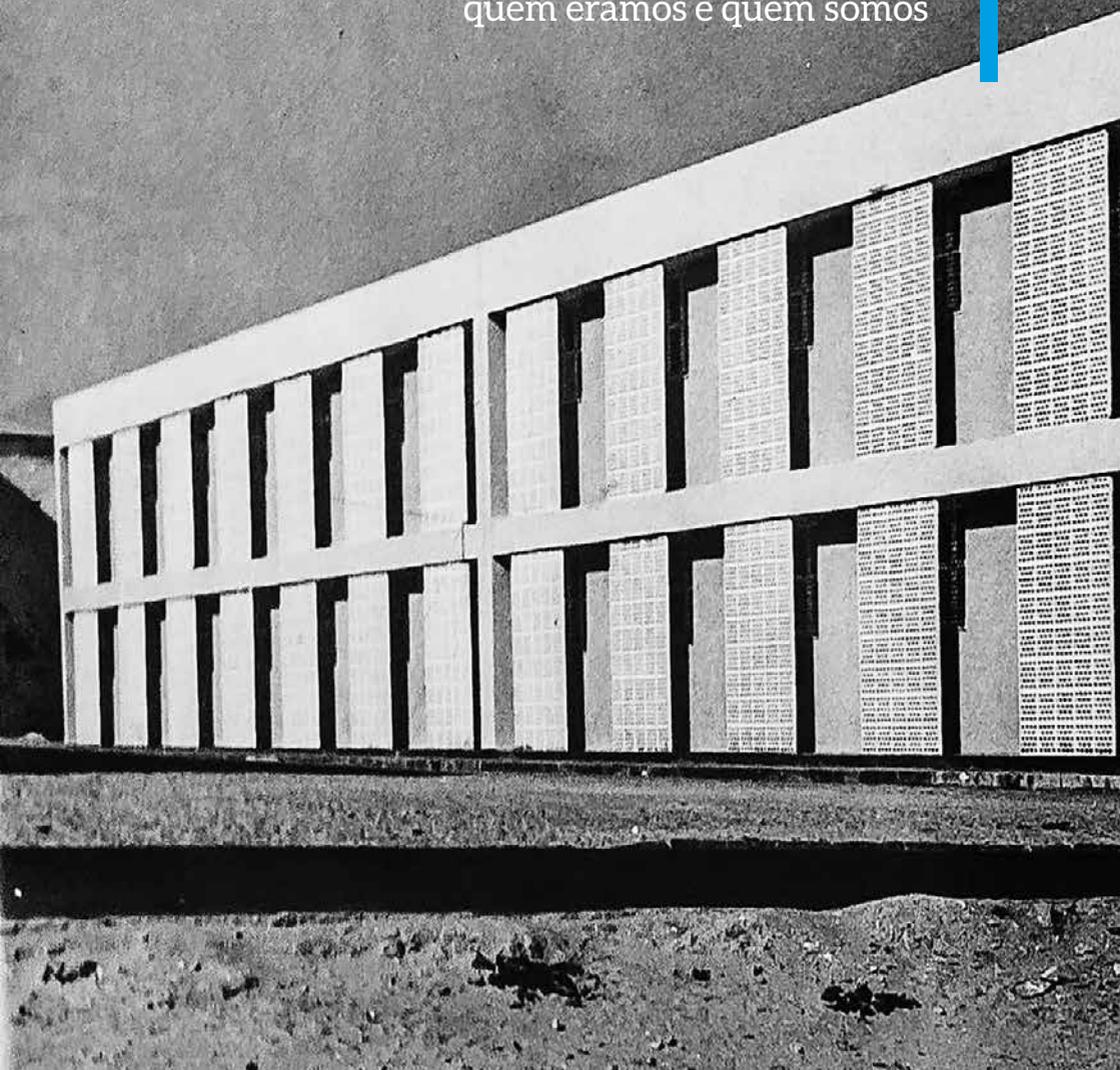
Relatos como este são imprescindíveis para a ampliação da visão da Universidade Federal do Ceará como um lugar de construção do conhecimento. Escapando da compreensão da sala de aula como lugar exclusivo e privilegiado do processo de ensino-aprendizagem, os relatos dos técnicos evidenciam como a prática cotidiana, no serviço público, a busca por soluções, as práticas de aperfeiçoamento e a troca de experiências com os colegas de trabalho transformam os setores da administração e a vida departamental em espaços ricos da construção do conhecimento universitário e da vivência cultural.

A trajetória de Cleide, sempre transitando sem linearidade nem diacrônica nem sincrônica entre os papéis de aluna, técnica administrativa e professora, demonstra como a própria vivência universitária é marcada pelos processos de ensino-aprendizagem nos mais diferentes espaços. Esperamos que a leitura de seu relato seja uma experiência enriquecedora de acordo com essa visão mais ampla da vivência universitária e que, ao mesmo tempo, estimule outros servidores (técnicos administrativos ou docentes), assim como os estudantes, a construírem seus próprios relatos, compartilhando, desse modo, suas experiências como protagonistas na construção da história da Universidade.

Por fim, esta publicação se tornou em si uma homenagem a Cleide Ancilon. Falecida no dia 24 de abril de 2018, no transcurso do trabalho de produção dessa brochura, este texto pretende ser um monumento a uma incrível profissional que dedicou sua vida ao serviço público e à eficiência do ensino. Sua partida, com certeza, deixou saudades não somente naqueles que a conheceram, mas naqueles muitos outros que lerão este relato.

70 anos da Biblioteca de Ciências da Saúde

quem éramos e quem somos



A BCS na visão de seus técnicos administrativos



A Biblioteca de Ciências da Saúde (BCS) chega aos seus 70 anos. Esse patrimônio valioso e atuante na disseminação da informação e na formação dos profissionais da área de Ciências da Saúde formados pela Universidade Federal do Ceará merece ser celebrado e enaltecido pela sua trajetória histórica.

Para tanto, faremos um resgate histórico contando um pouco de sua evolução, suas características físicas, seus agentes transformadores e difusores do conhecimento, bem como a inovação de seus dispositivos e adaptações realizadas que a tornaram partícipe do papel social que a Universidade Federal do Ceará desempenha na sociedade.

Os 70 anos da BCS trouxeram contribuições extraordinárias para a comunidade universitária. Ressaltem-se a ampliação de suas instalações físicas, o crescimento de seu acervo e diversificação de fontes de pesquisas e a ampliação no atendimento de cursos da área de Ciências da Saúde instalados no campus do Porangabuçu. Inicialmente atendendo, exclusivamente, o Curso de Graduação de Medicina, atualmente, abrange os cursos de Graduação de Fisioterapia, Farmácia, Odontologia e Enfermagem, e cursos de Pós-Graduação da área de Ciências da Saúde.

Destacamos a participação da BCS, em 1970, por sua atuação inovadora como sede do Subcentro Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde OPAS/OMS (BIREME), ocupando lugar de destaque entre as bibliotecas universitárias de Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil, assim mostrando que acompanhou as mudanças e se adaptou às novas exigências oriundas das novas ferramentas tecnológicas.

Inauguração da Biblioteca da Faculdade de Medicina, em 1970. À esquerda, Cleide Ancilon, diretora da Biblioteca. No centro, discursando e gesticulando com as mãos, o Prof. Fernando Leite, da Faculdade de Farmácia, e então Reitor. À sua esquerda, olhando para cima, de bigode, Prof. Hiderval Gomes Leite, professor da Faculdade de Medicina. À direita de Fernando Leite, com as mãos sobre a mesa e de óculos, o Prof. Walter Cantídio, um dos fundadores da Faculdade de Medicina e Reitor, de 1971 a 1975.



Outro indicador preponderante para o reconhecimento da BCS junto à comunidade acadêmica foi sua parceria com os profissionais de saúde e pesquisadores da UFC, dando suporte ao desenvolvimento de suas pesquisas, levantamentos bibliográficos em fontes de informação confiáveis através das bases de dados científicas nacionais e internacionais e disponibilizando periódicos científicos de alta credibilidade na área de Ciências da Saúde, cumprindo, desse modo, sua função social enquanto difusora da circulação do conhecimento.

Sementes frutíferas deixadas pelos competentes profissionais que passaram por essa Biblioteca permitem-nos, hoje, colher frutos de competência e confiança na prestação de serviços ofertados por essa unidade de informação. Os horizontes futuros apontam para que continuemos a missão de manter a qualidade e responsabilidade na atuação dessa biblioteca frente aos desafios oriundos de novas demandas que surgem a cada dia. Novos cursos surgem, novas necessidades, novos perfis de usuários, novas tecnologias e novas estruturas organizacionais provenientes de mudanças políticas econômicas e sociais do nosso país.

Nosso percurso vislumbra ainda grandes desafios, em especial, a implantação de novas tecnologias assistivas com o objetivo de promover a inclusão de pessoas com deficiências, dando-lhes o efetivo acesso à informação que permita a sua plena formação acadêmica. Para tanto, compete à BCS investir em projetos que busquem adequar sua infraestrutura arquitetônica para atender diversos públicos e também na qualificação de recursos humanos da biblioteca, dando assim continuidade ao cumprimento do seu papel social como participante do processo de ensino-aprendizagem na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Eliene Gomes Vieira Nascimento¹

¹Atual diretora da Biblioteca de Ciências da Saúde.

A black and white photograph of a modern building with a large tree in the foreground. The building has a distinctive architectural style with horizontal slats. A large, leafy tree is positioned in front of the building, partially obscuring it. In the foreground, there is a metal fence and two cars parked behind it. The sky is clear and bright. A blue horizontal bar is located above the text.

História e casos da Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFC



**Inauguração da Sala de Obras
Raras Cleide Ancilon.**

Cleide, primeira bibliotecária
da Biblioteca de Ciências da Saúde
(2010).

Preâmbulo



Cleide Ancilon de Alencar Pereira²

Atendendo aos insistentes pedidos da atual Diretora (desde 1996) da Biblioteca de Ciências da Saúde (Chefe é Chefe, manda quem pode, obedece quem tem juízo, e eu tenho) Norma Carvalho Linhares, vou tentar escrever a História desta Biblioteca, sem compromisso com a cronologia, numa linguagem informal, quase coloquial.

² Primeira bibliotecária da Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFC, falecida em 24/04/2018.

Sala de Estudo e Trabalho
da Biblioteca da Faculdade de Medicina, cerca de 1958.
De cabelo Chanel, à direita, a bibliotecária Cleide Ancilon.



Introdução



Concluí o meu Curso de Biblioteconomia na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em 1956, na qualidade de Bolsista do INL (Instituto Nacional do Livro) e sem vínculo com a UFC. Fui nomeada para o cargo de Bibliotecária da UFC no início de 1957.

A Portaria de nomeação, pelo nosso sempre Magnífico Reitor Antonio Martins Filho, me indicava para as três bibliotecas da área da Saúde, Medicina e Farmácia e Odontologia (então, juntas). A Faculdade de Medicina funcionava na Praça José de Alencar, vizinha ao Teatro, prédio hoje ocupado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Creio que, por inspiração do Espírito Santo, apresentei-me primeiro na Faculdade de Medicina. No dia de minha apresentação, apenas dois anos depois da criação da Universidade, então Universidade do Ceará,³ estava reunida, na sala da diretoria, toda a cúpula da Faculdade de Medicina, que só mais tarde vim a conhecer. Era a época das nomeações e observei que, a princípio, Dr. Waldemar Alcântara – Diretor da Faculdade, me encarou como mais um dos funcionários que lhe era mandado “para qualquer coisa”. Aguardei um pouco, até ele ler o ofício de apresentação quando, ao verificar que eu era bibliotecária formada pela Biblioteca Nacional, o clima mudou completamente. Dr. Waldemar me chamou, me deu as boas vindas, reuniu os professores presentes em torno da mesa de reunião, me apresentou e me deu a palavra.

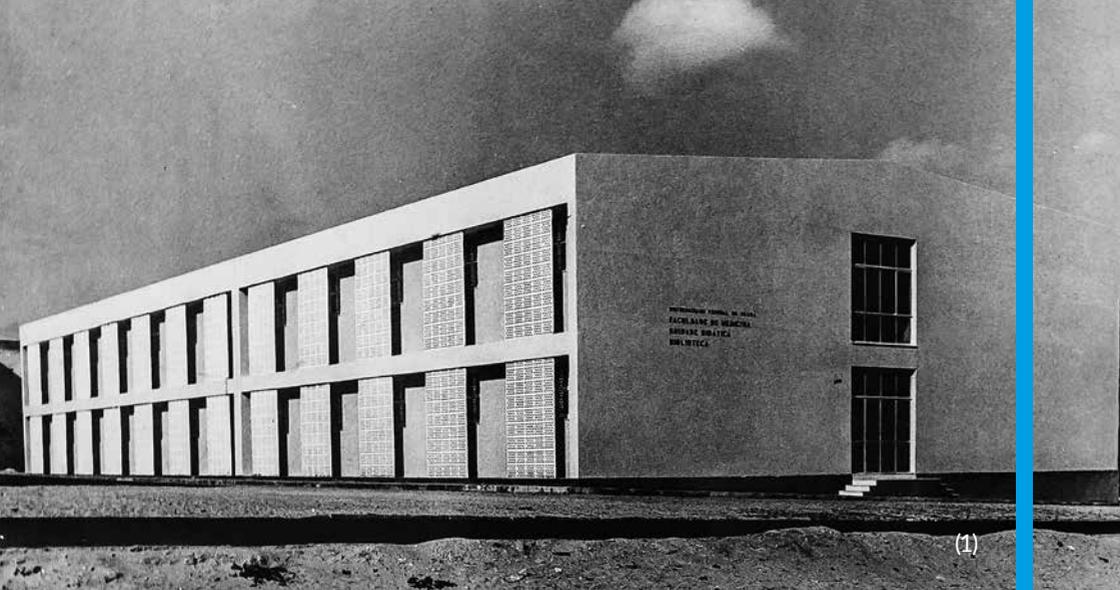
Disse a que vinha, falei sobre a organização da Biblioteca e o material necessário. Dr. Waldemar logo me antecipou que eu ficaria só na Faculdade de Medicina, o que foi acatado

³ Só alguns anos depois foi acrescentado o termo Federal.

pelo reitor Martins Filho. O Professor Newton Gonçalves, Médico-cirurgião, Professor da disciplina Técnicas Cirúrgicas, me acompanhou, começando aí a sua função de Assessor da Biblioteca (para sorte minha) e me mostrou várias estantes de madeira, fechadas, com cerca de dois metros de altura, repletas de livros. Dr. Newton era o próprio catálogo vivo, pois sabia o conteúdo de cada estante. Em seguida, me levou a uma pequena sala, onde funcionava a “Biblioteca”. Ali estavam os chamados livros-texto⁴ e também mesas e cadeiras, onde os alunos podiam estudar, utilizando os citados livros apenas no local, sem empréstimo domiciliar.

A funcionária encarregada, moça preparada e inteligente, diga-se de passagem, abria a “Biblioteca” e as estantes para os alunos utilizarem os livros no local, recolhendo tudo no final do expediente. A Faculdade de Medicina já estava fisicamente dividida: parte no Centro — Praça José de Alencar, onde funcionavam a Diretoria e algumas das Cadeiras (disciplinas), e parte no Porangabuçu, onde funcionavam as Cadeiras Básicas. Como a mudança total para aquele bairro já estava prevista para dentro de poucos meses, Dr. Waldemar achou preferível que a Biblioteca fosse logo transferida, antes do início da organização técnica. As conversas se sucederam, e indiquei não só modelos de fichas e demais impressos próprios, cujos modelos trouxera comigo, assim como trouxe o Livro de Tombo (modelo 1082), adquirido na Imprensa Nacional do Rio de Janeiro (na época Capital Federal) e orientei sobre a compra de fichários e estantes de aço, preferíveis às de madeira, então uma novidade. Foi tudo aprovado e providenciado.

⁴ Livros adotados nas várias disciplinas.



(1)



(2)

(1)

Novas instalações da Biblioteca da Faculdade de Medicina na época de sua inauguração. (1970)

(2)

Entrada da Biblioteca da Faculdade de Medicina. (1970)

Mudança

A mudança do acervo foi feita para o Porangabuçu, e a Biblioteca ocupou a ala central do prédio chamado Instituto Evandro Chagas, um prediozinho lindo e bem adequado ao nosso clima, com alpendres laterais e jardins. A ala central da Biblioteca era em forma de T (invertido): a parte da frente foi escolhida para Salão de Leitura e a outra parte para Acervo e Sala de Trabalho, sem Livre Acesso, como seria desejável, vez que a área para acervo era única, reunindo livros e periódicos. As mesas já adquiridas eram de madeira, mas quadradas, com uma prateleira embaixo na qual os usuários mais altos ficavam presos.



Balcão de empréstimo da Biblioteca da Faculdade de Medicina. (1970)

**Salão de leitura da Biblioteca da
Faculdade de Medicina.
(1970)**



Há um fato jocoso: no início, a Biblioteca tinha pouco movimento, e Dr. Waldemar, que não era “Diretor de Gabinete” e andava por toda a Faculdade, inclusive na Biblioteca, preocupou-se com isto, sugerindo a colocação de jarrinhos com flores nas mesas, para atrair os leitores. Com a minha proverbial irreverência, retruquei que assim as mesas iam parecer mais ainda com “mesinhas de restaurante de beira de estação”, ele não se aborreceu e, alguns anos mais tarde, consegui que fossem feitas mesas retangulares, com tampo de fórmica (cinza) e pés de madeira, altura e tamanhos adequados.

Outro fato jocoso: na separação dos livros por grandes assuntos, etapa preliminar da Classificação, juntei todas as Anatomias (Humana, Topográfica, Patológica e Cirúrgica) por falta de conhecimento da área médica. O erro foi corrigido por Dr. Newton, com quem muito aprendi.

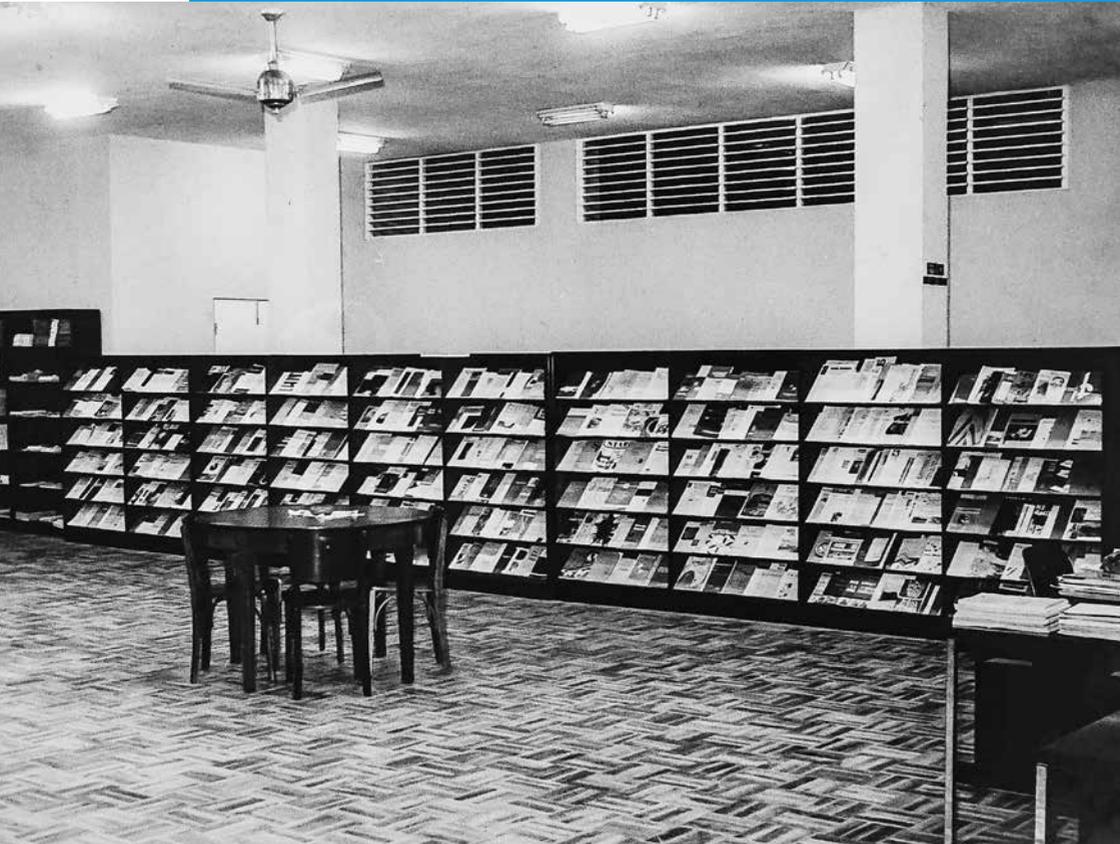
Organização



Trouxera comigo o Código de Catalogação da Biblioteca Apostólica Vaticana – “Normas para Catalogação de Impressos”, o Código então em uso nas bibliotecas brasileiras e solicitei a compra do Sistema de Classificação de Melvil Dewey, a ser usado. Inicialmente, foi adotado o Catálogo Dicionário (autor, título e assunto numa única ordem alfabética), mais tarde, modificado para o Catálogo Alfabético (autor, título e assunto em seções separadas), chamado Principal, para uso dos leitores, havendo também os chamados Catálogos Auxiliares: Tombo (em livro no modelo da Imprensa Nacional, depois reproduzido pela Imprensa Universitária) e Topográfico.

Tivemos, posteriormente, o Catálogo de Teses, também destinado ao público. Desde o início até quase minha aposentadoria, contei com o apoio, os ensinamentos e a orientação do Professor Newton Gonçalves, na qualidade de Assessor, o que me ajudou muito, além das duas gestões seguidas do Dr. Waldemar Alcântara como Diretor da Faculdade de Medicina, fundamental para o desenvolvimento da Biblioteca. Dr. Newton foi Assessor da Biblioteca até sua aposentadoria, sem nenhuma Portaria neste sentido, como eu também respondi pela Biblioteca, na qualidade de Responsável/Encarregada ou Chefe, sem qualquer Portaria, até quase minha aposentadoria (1979).

Mostruário de periódicos da Biblioteca
da Faculdade de Medicina.
(1970)



Acervo



O acervo inicial compôs-se de doação feita pelo Dr. Álvaro Otacílio Fernandes, ilustre médico cearense, e de livros doados pelos vários professores fundadores, conforme a *Introdução ao Regimento da Biblioteca da Faculdade de Medicina*, publicação de 1969, redigida por Dr. Newton Gonçalves. Na mesma *Introdução*, Dr. Newton relata outras informações importantes, cuja transcrição é imprescindível.

Já em 1948, o orçamento da Faculdade reservava uma verba relativamente importante para aquisição de novas obras selecionadas entre as publicações francesas, americanas, inglesas e argentinas mais recentes. Iniciou-se também uma hemeroteca especializada, com a assinatura de cerca de 70 periódicos escolhidos entre as várias especialidades e os mais representativos da literatura médica mundial. Essas revistas foram assinadas por doação dos professores. Insuperáveis dificuldades cambiais determinaram a descontinuidade de parte dessas assinaturas.

Nos primeiros anos de funcionamento, a Biblioteca manteve também um serviço de revenda de livros didáticos aos alunos, mediante pagamentos parcelados, de acordo com as disponibilidades dos mesmos. Ainda sob o patrocínio da Biblioteca, foram organizados cursos de Francês e Inglês, em colaboração com a Associação Cultural Franco-Brasileira e o Instituto Brasil-Estados Unidos no Ceará. Funcionava também, anexo à Biblioteca, um Departamento de Desenho e de Ilustração Científica, para uso das diversas Cadeiras da Faculdade.

Infelizmente, vários fatores adversos concorreram para a interrupção desses serviços. Dentre os mais importantes, destaca-se a falta de pessoal técnico habilitado para manutenção dos trabalhos de Biblioteconomia, resultando, em determinado período, completa desorganização dos serviços.

A partir de 1957, com a minha admissão, ocorreu a reestruturação da Biblioteca, inclusive com novo tombamento e a catalogação e classificação completa de todo o acervo, o que resultou no restabelecimento das relações com o Instituto Nacional do Livro (TNL) e Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). O I.N.L. mantinha um registro geral de todas as bibliotecas do país.



**Sala de periódicos da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1980)**

**Salão de leitura da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1980)**



Mesmo com as interrupções de compras de livros e assinaturas de periódicos (conforme relatado na *Introdução ao Regimento*, já citado) ainda encontrei um acervo importante. O primeiro livro registrado no Tombo data de 13 de maio de 1957, marco do início dos trabalhos, após a mudança para o Porangabuçu, foi o *Tratado de Anatomia Humana*, de Testut e Latarjet. De início, contei com duas auxiliares, Hilda Raupp e Vanda Maciel, mais tarde, Francisco Carlos de Souza, todos sem qualquer experiência de biblioteca.

No prédio do Instituto Evandro Chagas, onde foi instalada a Biblioteca, funcionavam também as chamadas “cadeiras básicas”: Farmacologia, Fisiologia, Parasitologia e Bioquímica, laboratórios e ainda o Instituto de Cardiologia do Estado. Ao lado, o prédio da Anatomia, Patologia e também Médico Legal.

Quando a Direção da Faculdade de Medicina mudou para o Porangabuçu, ocupou a parte central do Hospital das Clínicas, onde funcionava também o Hospital de Isolamento, predecessor do futuro Hospital São José. A mudança foi muito positiva, pois trouxe a Direção para perto da Biblioteca. A Biblioteca cresceu em acervo e movimento. Com o apoio da Direção (Dr. Waldemar) e da Assessoria (Dr. Newton), começamos um programa de complementação das coleções de periódicos. Não havendo ainda o empréstimo entre bibliotecas, nem tão pouco Redes de Bibliotecas, cada biblioteca procurava enriquecer seu acervo, dispondo do necessário para atender, tão satisfatoriamente quanto possível, ao estudo e à pesquisa dos seus usuários.

Pode-se dizer que era “o tempo das vacas gordas”. Havia, nos orçamentos das Faculdades (não havia centralização), verba para “material bibliográfico”, dentro da rubrica “material permanente”. Isto de “material bibliográfico” ser classificado como “material permanente” criou enorme dificuldade até bem pouco tempo, dificultando a baixa das publicações desaparecidas e/ou danificadas.

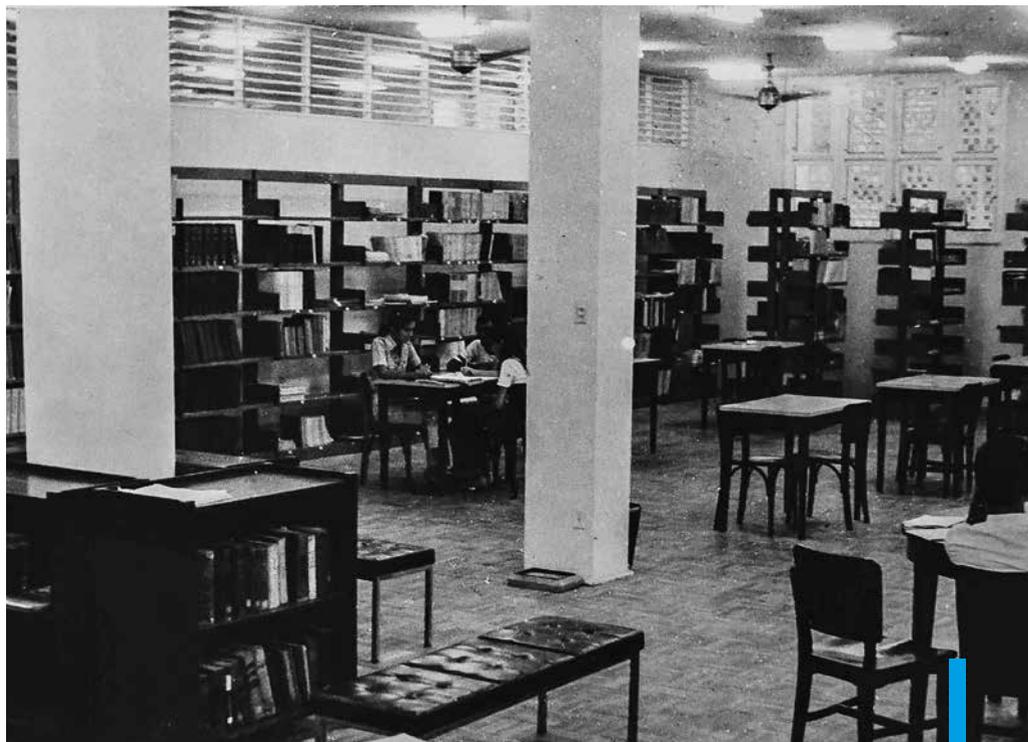
Os tempos, realmente, eram outros: não havendo centralização, os recursos destinados à Biblioteca eram aprovados

no ano anterior (previsão orçamentária), o que permitia um planejamento na aquisição do material bibliográfico. Os recursos eram liberados em forma de adiantamentos, em nome do responsável pelo setor. No caso da Biblioteca, algum tempo após minha admissão, os adiantamentos passaram a sair no meu nome, por decisão do Diretor (Dr. Waldemar). Antes disso, havia um funcionário da Faculdade, sem vínculo com a Biblioteca, responsável pela aplicação das verbas. Acontecia, porém, que, não havendo tombamento, organização técnica ou qualquer tipo de controle, os livros eram comprados pelos professores, diretamente nas livrarias, ficando nas cadeiras. Depois de assumir a Biblioteca, tive muita dificuldade para receber esses livros a fim de serem incorporados ao acervo e tratados tecnicamente (catalogação e classificação) para posterior retorno às cadeiras, o que só consegui graças ao apoio do Diretor.

Após assumir a aplicação das verbas, os livros passaram a ser comprados atendendo sugestões dos professores e necessidades dos alunos. Depois de tombados, catalogados e classificados, ficavam à disposição dos usuários podendo, inclusive, serem requisitados para as cadeiras. Não foi fácil romper com o antigo hábito, quando a Biblioteca não passava “do órgão pagador”, mas contei, integralmente, com o apoio de Dr. Waldemar, começando com uma ordem às livrarias proibindo a venda aos professores, para pagamento pela Biblioteca. A medida desagradou a muita gente, depois foi aceita. As compras funcionavam da seguinte maneira: recebidos os adiantamentos, o dinheiro era aplicado na compra de livros e assinaturas de periódicos e depois prestada conta junto à Divisão de Contas (não lembro mais o nome exato) da Reitoria da UFC. A responsabilidade era grande, mas, com a ajuda do Diretor, consegui abrir uma Conta Corrente no Banco do Brasil em nome da Biblioteca da Faculdade de Medicina. O curioso era que, na época, as contas correntes rendiam juros, o que evitava o fechamento da Conta após gastar cada adiantamento, além de render para a Biblioteca.

As assinaturas de periódicos eram encomendadas no final do ano anterior, para evitar interrupção no recebimento, e pagas no ano seguinte, quando da liberação dos recursos.

Era feito um apanhado de preços (licitação) entre três ou quatro agentes de assinaturas (nacionais e estrangeiros), e estes enviavam as faturas (invoice pro-forma para os estrangeiros) necessárias ao pagamento. Os agentes estrangeiros apresentavam melhor preço, vez que o dólar era cotado ao “câmbio oficial”, enquanto os agentes nacionais cotavam ao “câmbio paralelo”. As transferências correspondentes eram feitas nos bancos credenciados.



**Setor de referência da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1980)**

A complementação das coleções de periódicos era feita através de antiquários no exterior, destacando-se o Santo Vanasia, na Itália, um italiano alegre e simpático que fazia questão de se intitular “livreiro” e não “vendedor de livros” e dispunha de coleções básicas para bibliotecas das várias especialidades. Além do Santo Vanasia, a Swets Livros e Periódicos, da Holanda, cujo Diretor, o Sr. Jan Sibejn, como Santo Vanasia, nos visitava todos os anos. Além desses, havia a americana Stecker-Hafner e a francesa Masson e Cia e outras cujos contatos eram feitos pelo Correio.

O acervo de periódicos foi crescendo, as assinaturas eram mantidas, inclusive os Indexes, novos livros eram adquiridos, e o atendimento aos usuários era melhorado.

Anos mais tarde, um acervo de periódicos já bastante respeitável, sobretudo pela complementação das coleções, propiciou a escolha da Biblioteca como um dos primeiros subcentros da BIREME.

Não houve somente louros, houve também problemas. O crescimento de uma biblioteca é sempre cheio de altos e baixos, e tivemos “o tempo das vacas magras”. Houve um ano, se não me falha a memória, 1978, em que as verbas escassearam, parte das assinaturas de periódicos foi cortada, ficando só os mais demandados e o Index Medicus.

A falta de recursos, inclusive, tornou inadimplente a Biblioteca, provocando um problema muito grave com o agente Stecker-Hafner. Maiores dificuldades surgiram, os periódicos deixaram de ser assinados (1960) sendo renovado, por certo tempo, apenas o Index Medicus. Posteriormente, até mesmo o Index Medicus (a fonte básica da pesquisa na área médica) deixou de ser assinado. Na época, um usuário da Biblioteca, professor de outra área, assinante do Index Medicus, cedeu a publicação, preenchendo tão grande lacuna.

Fusão das Bibliotecas



Com a extinção do Instituto de Medicina Preventiva (1960), recebemos todo o acervo de sua Biblioteca, rica, sobretudo, em Higiene, Saúde Pública, Medicina Tropical, incluindo *abstracts*. A bibliotecária Vânia de Holanda de Farias foi transferida para nossa Biblioteca, valiosa aquisição, passando a dispor de duas bibliotecárias.

Alguns anos mais tarde, com as transferências das Faculdades de Farmácia (1975) e Odontologia (1986) para o Porangabuçu, formando o Campus da Saúde, a Biblioteca foi enriquecida com seus acervos e as bibliotecárias Luiza Maria de Alcântara e Saraiva Leão e Maria do Socorro Melo Braga.

E assim passamos a contar com quatro bibliotecárias e, algum tempo depois, passamos a dispor de cinco bibliotecárias com a nomeação de Salemma Maria Lima Sugette. Alguns anos mais tarde, Luiza e Salemma foram transferidas para a Biblioteca Universitária (Biblioteca Central) no Campus do Pici.⁵

Com a Reforma Universitária, as Faculdades se transformaram em cursos, formando, em nosso caso, o Centro de Ciência da Saúde, reunindo Medicina, Farmácia e Odontologia e, mais tarde, Enfermagem, curso criado pela UFC em 1970. A nossa Biblioteca passou a denominar-se Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde, subordinada à Biblioteca Central, no Campus do Pici, que não centralizava praticamente nada, deixando-nos acéfalas, melhor dizendo “sem donos”, num verdadeiro “limbo astral”. Foi uma época muito difícil na qual contávamos, precariamente, com o apoio extra-oficial do Hospital das Clínicas.

⁵ O Campus do Pici Prof. Prisco Bezerra é o maior campus da Universidade Federal do Ceará, com 212 hectares. Está localizado no bairro de mesmo nome em Fortaleza.





Sala de periódicos da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1998)

Panorama da Biblioteconomia

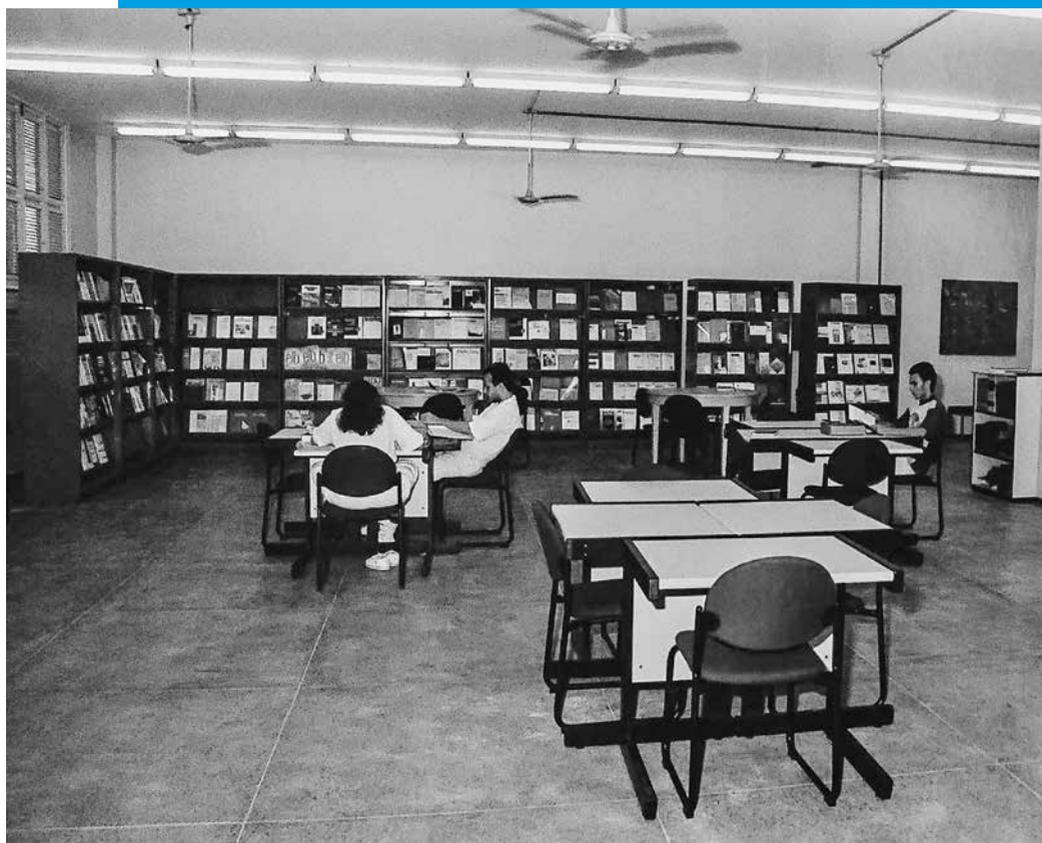


IBBD

O primeiro destaque é para o IBBB – Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, mais tarde, IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Na sua primeira fase, o IBBB era órgão do CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas, quando se transformou em IBICT, passou a órgão do Ministério de Ciência e Tecnologia. O IBBB foi, por muitos anos, o grande apoio das Bibliotecas Universitárias.

Dispondo de excelente acervo de referência, propiciava e incentivava a pesquisa bibliográfica nas diversas áreas especializadas. O IBBB não dispunha dos periódicos em seu acervo, mas, sendo órgão de grande credibilidade, tomava por empréstimo à Biblioteca da Fundação Osvaldo Cruz (Manguinhos), a mais rica biblioteca médica do país, e a outras grandes bibliotecas universitárias, para atendimento às demais bibliotecas.

Na época, não havia nenhuma copiadora Xerox, e as cópias dos artigos solicitados eram atendidos em forma de microfilme (anteriormente, cópias fotostáticas). Os artigos eram microfilmados no próprio IBBB e remetidos às bibliotecas. As bibliotecas, por sua vez, adquiriam leitoras de microfilme que tornavam viável a leitura. A nossa Biblioteca dispunha de duas leitoras, sendo uma nacional em tamanho pequeno e outra comprada na Alemanha (por iniciativa do Dr. Newton Gonçalves) tamanho grande, com dispositivos e lentes para leitura de microfilme em rolo, banda e também slide. O microfilme, que era negativo, através das lentes, era projetado na tela para positivo, permitindo a leitura, com o único inconveniente do uso da máquina. Na época, o recurso era considerado inteiramente satisfatório pelos usuários.



Mostruário de periódicos da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1998)

O IBBD propiciava cursos especializados para os bibliotecários como o curso de Pesquisa Bibliográfica em Ciências Médicas, do qual fui aluna, na qualidade de Bolsista do CNPq. Eram cursos especializados de pós-graduação, em tempo integral e de larga duração, no caso, de abril a dezembro de 1962.

Não dispondo de qualquer meio de reprodução que não fosse o manual (mimeógrafo), o IBBD criou e desenvolveu o Catálogo Coletivo de Livros e o Catálogo Coletivo de Periódicos (chamados CCos), ambos mimeografados, nas diversas áreas e alimentados pelas Bibliotecas Universitárias. Para o Catálogo Coletivo de Periódicos, remetíamos cópias das fichas do Kardex, sempre atualizadas. O Catálogo Coletivo de Livros era produto da SIC – Serviço de Intercâmbio de Catalogação, um dos Serviços do IBBD (como os CCos). O SIC funcionava da seguinte maneira: de cada livro catalogado, as bibliotecas datilografavam duas fichas chamadas, na época, de principais, sendo uma encaminhada para o SIC. Este, após pesquisa, reproduzia ou não (caso já existisse) a ficha e enviava cópias às demais bibliotecas, e assim era gerado o Catálogo Coletivo de Livros.

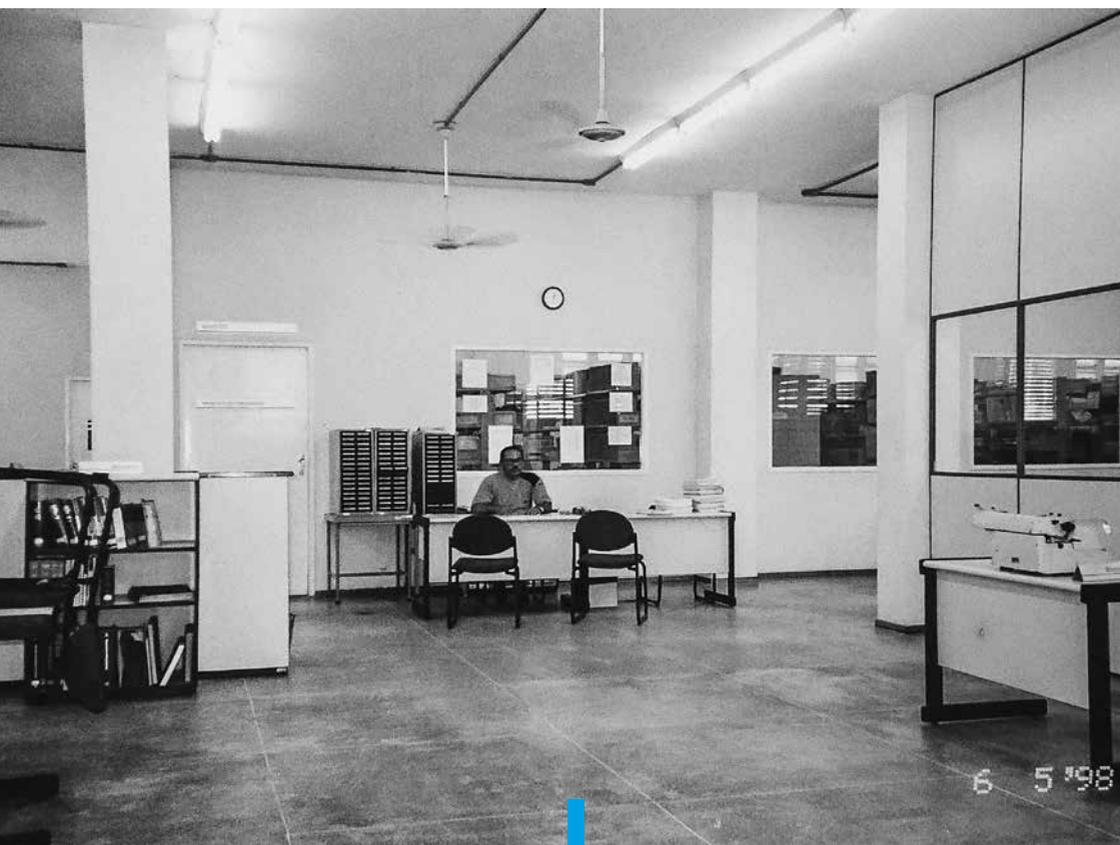
Na qualidade de aluna (e bolsista) do Curso do IBBD, havia estágio obrigatório (altamente positivo) nos diversos setores, como SIC, CCo, Pesquisa Bibliográfica etc. O IBBD não só era o órgão maior da Biblioteconomia (com a Biblioteca Nacional), como reunia nomes de destaque, liderados pela sua primeira Presidente, Lydia de Queiroz Sambaquy. A dona Lydia (também responsável pela criação do Curso de Biblioteconomia da UFC) reuniu uma equipe de pessoas competentes e dedicadas, como Janice Montemor, primeira bibliotecária a exercer a Direção da Biblioteca Nacional, Célia Ribeiro Zaher (mais tarde, também Diretora da Biblioteca Nacional e da BIREME) Alice Príncipe Barbosa (que a gente chamava a “mãe do SIC”, criadora do CALCO) Hagar Espanha Gomes, Lia Manhães e outras.

Ainda no curso do IBBD, tive o privilégio de ser aluna do professor Ivolino Vasconcelos, com quem estudei História da Medicina. O Professor Ivolino era um apaixonado pelo assunto e passava esse entusiasmo para os alunos. Enfren-



Salão de leitura da Biblioteca de
Ciências da Saúde.
(1998)

tado barreiras com as Embaixadas e Alfândega, trouxe da Ilha de Cós (Grécia) uma muda do Plátano, árvore sob a qual, segundo a História, Hipócrates, “o Pai da Medicina”, dava aula aos seus discípulos. O professor Ivolino conseguiu plantar essa muda no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e nos levou para visitar. Confesso que o Curso do IBBD foi muito enriquecedor, em todos os aspectos, me deixando melhor preparada para ser uma Bibliotecária de Medicina.



**Atendimento de periódicos/
Referência da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1998)**

As Bibliotecas Especializadas, sobretudo as universitárias, evoluíram para a formação de Grupos (Redes), a exemplo do Grupo de Bibliotecas Médicas (Biomédicas) e do Grupo de Bibliotecas Agrícolas, os mais antigos. Foi a descoberta da Interdependência. “Interdependência ou Morte”, como dizia o grande Bibliotecário pernambucano Edson Nery da Fonseca. Como consequência do intercâmbio estabelecido, surgiu o Empréstimo entre Bibliotecas, no que se refere a periódicos (mais raramente, livros). Emprestávamos o próprio periódico, vez que não existiam copiadoras (tipo Xerox). Outro serviço desenvolvido (mais tarde, desativado, o que lamento) foi a Permuta e Intercâmbio. As bibliotecas preparavam regularmente suas listas de duplicatas de periódicos, enviavam às bibliotecas congêneres e muitos claros (ou falhas) nas coleções eram preenchidos (daí porque as doações de periódicos eram recebidas sem restrições). O Serviço de Permuta e Intercâmbio funcionou satisfatoriamente por muitos anos e foi muito útil.

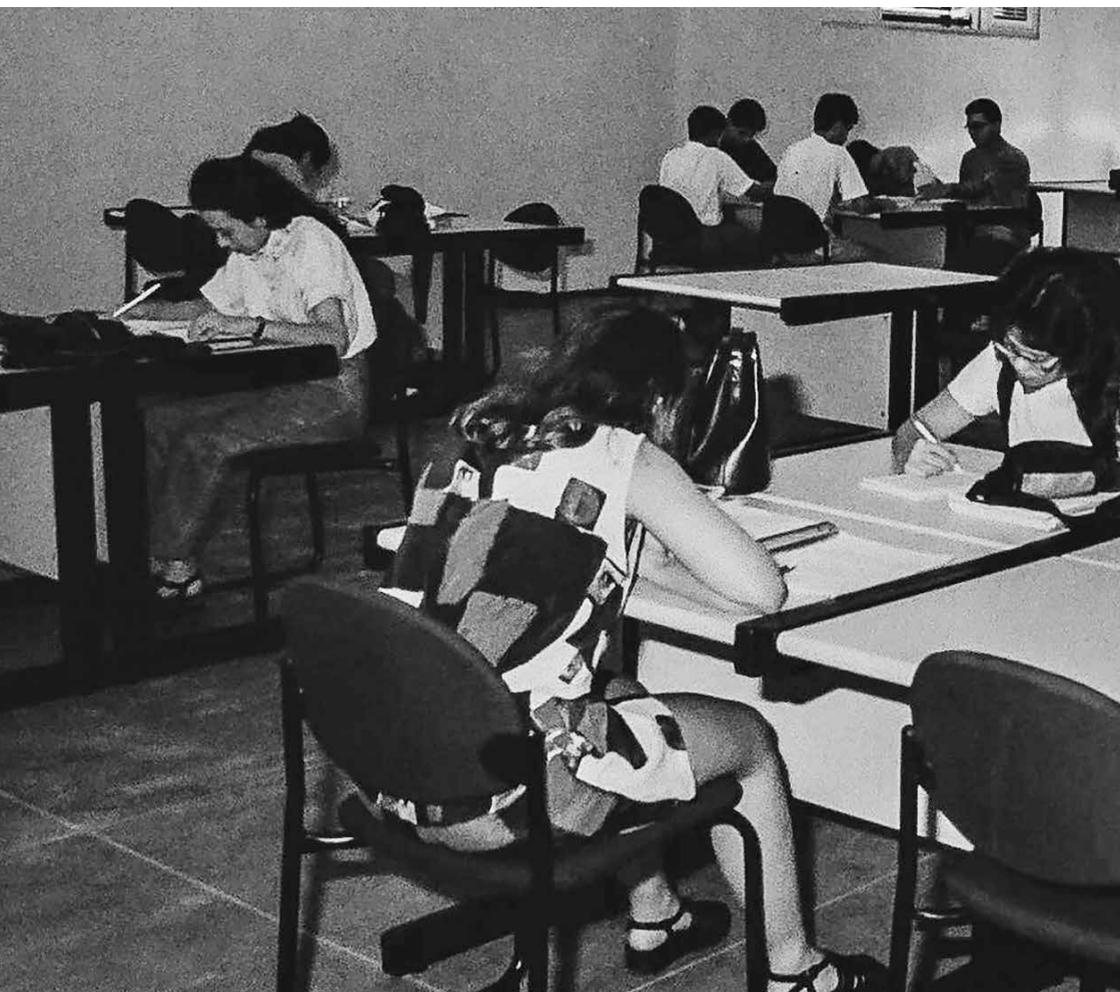
A propósito de copiadora, a Xerox foi a primeira a chegar ao Brasil, daí estendeu o nome às outras copiadoras (como aconteceu com Gillete, Lenço Yes, etc).

Como é sabido, o velho é testemunha da história e, como aluna do IBBD, assisti à chegada da primeira Xerox no Brasil. O Rio de Janeiro recebeu a primeira Xerox. O Curso foi convidado a conhecer a “máquina”, e lá fomos nós, professores e alunos, ver de perto a grande invenção, que seria tão útil às bibliotecas e a todos. O desafio da empresa era: “distinguir a cópia do original”. Surgiu também na época uma máquina para a reprodução da ficha de catalogação que, até então, era reproduzida na máquina de datilografia uma por uma, chamada “Flexowriter”. A ficha matriz era datilografada numa espécie de estêncil e a máquina reproduzia. Posteriormente, surgiu outra máquina semelhante, a “Minigraph”, menor e mais aperfeiçoada. Sonhei com a “Minigraph” durante anos, até que a BIREME a adquiriu para a nossa Biblioteca.

BIREME

Órgão da OMS/OPAS – Organização Mundial da Saúde/ Organização Panamericana da Saúde, foi fundada em março de 1967, com o nome de Biblioteca Regional de Medicina (Regional para a América Latina), iniciando as atividades em 1969. Ocupou a sede da Biblioteca Paulista de Medicina e foi, e continua sendo, a grande propulsora das bibliotecas médicas.

A criação da BIREME resultou de uma avaliação feita sobre a fraca contribuição e o baixo nível científico dos pesquisadores da América Latina, chegando a OPAS à conclusão



de que o motivo maior era a situação das bibliotecas com seus acervos pobres e seus fracos desempenhos. O primeiro Diretor, Dr. Amador Neghme, era médico tropicalista da OPAS, muito conceituado, sendo o responsável pela implantação e desenvolvimento da BIREME.

Em setembro de 1970, foi realizado um Seminário para a escolha e organização dos Subcentros, e, em 1973, a BIREME escolheu, inicialmente, as primeiras bibliotecas médicas (Brasil) para os primeiros sete Subcentros. A nossa Biblioteca, graças a seu bom acervo de periódicos, foi uma das selecionadas. Os outros Subcentros foram: UNB (Brasília DF, Goiás e territórios); UFPE (PE, AL, PB e RN); UEBahia



Sala de estudo em grupo
no 1º andar da Biblioteca
de Ciências da Saúde.
(1998)

(Bahia e Sergipe); UFMG (MG); UFRJ (RJ, ES) e UFRS (RS e SC). O nosso Subcentro abrangeu, na criação, Ceará, Piauí e Maranhão.

Dr. Neghme era pessoa competente, acessível e gostava de ouvir os “bibliotecários de campo”, em atividade e à frente das bibliotecas de medicina por este Brasil afora. Por mais de uma vez, me chamou para conversar, interessado nas dificuldades que atravessávamos. Numa dessas conversas, abordei o problema de o “material bibliográfico” ser classificado como “material permanente”, tornando oficialmente impossível a baixa das publicações perdidas e/ou danificadas. Sensível ao problema, me pediu detalhes e fez Exposição de Motivos ao MEC (Ministério da Educação e Cultura), solicitando mudança da rubrica; não recebemos resposta.

A automação já chegara às bibliotecas, e o primeiro produto foi o MEDLARS, Medical Literature Analysis and Retrieval System (Sistema de Análise e Recuperação da Literatura Médica), operado pela National Library of Medicine. Foi introduzido pela primeira vez em 1964, evoluindo para um sistema online em 1971, denominado MEDLINE.⁶ O MEDLARS se constituiu na versão automatizada do Index Medicus, principal fonte de pesquisa médica, iniciado pela US Medical Library Armed Forces, mais tarde National Library of Medicine.

A BIREME criou cursos de especialização, treinamento e outros eventos para capacitar os bibliotecários biomédicos. Em 1972, de 3 de abril a 1º de junho, participei do Curso Seminário de Aperfeiçoamento de Biblioteconomia Médica. Em 1976, de 9 a 25 de fevereiro, eu e Vânia de Holanda Farias participamos do II Curso destinado ao treinamento da pesquisa bibliográfica do sistema de recuperação automatizada de informação biomédica – Curso MEDLINE.

⁶ Sigla em inglês para Sistema Online de Busca e Análise de Literatura Médica (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online). É uma base de dados bibliográficos da Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos da América (US National Library of Medicine's – NLM).

No mesmo ano de 1976, foram instalados nos Subcentros (nossa Biblioteca entre eles) um Terminal de Computador do Sistema MEDLINE. O Terminal era conectado uma vez por semana, em horário previamente acertado, através de linha privada da EMBRATEL, ao Centro de Pesquisa de São José dos Campos e deste ao Sistema MEDLINE da National Library Medicine, em Washington. A pesquisa era feita *on-line*, mas a rapidez do levantamento bibliográfico esbarrava na lentidão do recebimento da cópia do artigo, quando este não estava disponível na biblioteca. Já estavam implantados os malotes semanais entre BIREME e Subcentros, mas, mesmo assim, a demora desanimava os pesquisadores, além do preço do Levantamento no Terminal. Habitados à pesquisa manual gratuita no Index Medicus impresso, a novidade não foi recebida com muito entusiasmo. Por outro lado, sugeriram problemas financeiros e, dentro de pouco tempo, o Terminal foi desativado, restando para nós o problema da devolução dos equipamentos (1978).

De qualquer forma, não resta dúvida de que o Terminal de Computador foi um avanço e um marco do que viria posteriormente. Na instalação do Terminal, não pudemos contar, como ocorreu nos outros Subcentros, com um técnico da BIREME, mas tudo deu certo graças à competência e boa vontade do electricista do Hospital das Clínicas, o conhecido “Manoel Pistoleiro”.

Encontros regulares e periódicos nos Subcentros, promovidos pela BIREME, propiciaram o desenvolvimento e a cooperação entre as bibliotecas médicas.

Por volta de 1977, a BIREME desenvolveu o projeto LACRIP – Projeto Latino Americano de Informação de Pesquisa em Câncer, visando à difusão seletiva da informação ao especialista, seja onde for o seu local de trabalho, com o objetivo de mantê-lo atualizado nos temas específicos do seu interesse. O Projeto foi divulgado pelo Subcentro em Fortaleza, Teresina e também no interior do Ceará, através do Convênio com a Secretaria de Saúde do Estado.

Outros serviços e atividades desenvolvidas



Outro registro que não deve ser esquecido foi o Convênio Governo do Estado/Universidade Federal do Ceará, em 1975. Esse Convênio foi efetivado entre a Secretaria de Saúde do Estado e a Biblioteca do Centro de Ciências da Saúde da UFC, objetivando levar informação aos médicos do Interior, através dos Centros e Postos de Saúde, atingindo 81 (oitenta e um) municípios. Surgiu de uma antiga preocupação com nossos ex-alunos, estudiosos e frequentadores assíduos da Biblioteca que, indo trabalhar no interior, nessa época, ficavam isolados, sem acesso à informação.

Em conversa (de “pé de mesa”) com um ex-aluno também estudioso e frequentador da Biblioteca, Professor da Faculdade de Medicina, que ocupava então o cargo de Secretário de Saúde do Estado (Dr. Lúcio Alcântara), falei dessa preocupação, e ele se sensibilizou, surgindo daí o Convênio acima citado. A Secretaria contratou uma bibliotecária, Helena Carvalhedeo, que, lotada na Biblioteca, era responsável pelas atividades do Convênio.

Foram estabelecidos os assuntos de interesse da Secretaria: Assistência Materno-Infantil, Tuberculose, Lepra, Nutrição, além de outros assuntos de Saúde Pública. Igualmente, foram selecionados periódicos (brasileiros) que cobriam os ditos assuntos. Cópias dos sumários desses periódicos e artigos dos assuntos de interesse eram enviados gratuitamente a todos os centros e postos de saúde. Levantamentos bibliográficos eram feitos em atendimento às solicitações, e as cópias dos artigos de interesse dos usuários eram atendidas mediante pagamento. As despesas do convênio: bibliotecária, cópias e correio eram responsabilidade da Secretaria de Saúde. Estava assim estabelecido um atendimento à distância, levando a informação ao médico do Interior e

restabelecendo o vínculo do ex-aluno com a Biblioteca da sua Faculdade.

Esse trabalho funcionou satisfatoriamente enquanto Dr. Lúcio esteve à frente da Secretaria, sendo depois desativado, mas deixando um saldo positivo: alguns dos médicos, mesmo depois de extinto o Serviço, continuaram fazendo solicitações à Biblioteca.



Balcão de empréstimo da Biblioteca de Ciências da Saúde. (1998)

PROGRAMA DE VENDA DOS LIVROS DIDÁTICOS E PUBLICAÇÕES DA OPA/OMS

Destinado a professores e alunos da Faculdade, foi implantado na Biblioteca vigorando por vários anos, não havendo, na época, qualquer remuneração.

A Biblioteca teve seu quadro de pessoal muito reduzido, conseqüente da transferência de bibliotecários e funcionários para a Biblioteca Central (quando foram criadas e centralizadas funções gratificadas) e se viu obrigada a entregar o Programa à Direção da Faculdade, vez que o Convênio da OPAS era responsabilidade direta da Faculdade, e não da Biblioteca. Esse Programa, embora com interrupções, funciona até hoje, bastante ampliado, tendo voltado a ser desenvolvido na Biblioteca.

Multa



O problema de atraso na devolução dos livros, sobretudo os livros-texto, os mais demandados, era constante e difícil de evitar. Foram feitas diversas tentativas, desde conscientizar os alunos de sua responsabilidade para com os colegas, até suspensão do empréstimo pelo dobro do atraso, medida antipática, prejudicial e também ineficaz, vez que os atrasados sempre conseguiam colegas que tiravam os livros em seus nomes. Sendo tudo em vão, tivemos que implantar a multa, cobrando certa importância por dia de atraso. Foi baixada uma Portaria pelo Diretor da Faculdade (Dr. Waldemar Alcântara) neste sentido, ficando outrossim determinado que o dinheiro proveniente da multa seria investido na compra de livros-texto, a serem sugeridos pelos próprios alunos, no ato de pagamento da multa. Foi a maneira encontrada para que a multa fosse aceita, como, de fato, foi e funcionou bem.

Os alunos sugeriam livros, e a Biblioteca comprava os mais solicitados. Um carimbo era posto na página de rosto do livro: “livro adquirido com dinheiro proveniente de multa”, com a data de compra, livraria e preço. Era feito um balanço todos os meses, sendo uma via afixada no Salotex (flanelógrafo) e outra via arquivada. Foi tudo muito bem, até que, um belo dia, após mudança na Administração Superior, fui convocada pelo novo Pró-Reitor de Planejamento sob ameaça de processo administrativo, porque todo o dinheiro arrecadado deveria ser recolhido aos cofres da Reitoria. Confesso que desconhecia a Lei, portanto a ilegalidade do meu procedimento fazia de mim uma ré-confessa, com todas as provas contra mim; carimbo nos livros e balanço, tendo como defesa a Portaria do Diretor. Daí em diante, até hoje, o dinheiro da multa é recolhido aos cofres da UFC, o que é pena.

Entrada da Biblioteca
de Ciências da Saúde
(1998)



Instalações



Mesmo com os anos de escassez de recursos para a compra de livros e assinatura de periódicos, o acervo continuou crescendo, sobretudo com as fusões das bibliotecas do IMEP, Farmácia e Odontologia e a criação do Curso de Enfermagem. Os problemas de espaço ficaram cada vez maiores, exigindo solução.

Antes mesmo da fusão das citadas bibliotecas e o acréscimo de seus acervos, a antiga Biblioteca da Faculdade de Medicina passou por várias mudanças, importando sempre em “luta, suor e lágrimas”. A verdade é que uma biblioteca só cresce com luta e muito desgaste para o bibliotecário responsável e, mesmo hoje, embora o tempo e a realidade sejam diferentes, ainda é assim. No meu tempo (é quase impossível o velho não dizer “no meu tempo”), ouvi muito de alguns diretores: “eu vou lhe dar, porque você chora muito”.

À imitação da pobre viúva do Evangelho, que atormentava o juiz para atender sua causa, continuei “chorando sempre”. Conforme foi dito, antes de começar a organização da Biblioteca, esta foi transferida para o Porangabuçu, ocupando a ala central do Instituto Evandro Chagas, salão de leitura na parte da frente e trabalho e acervo na parte de trás.

Primeira mudança (no próprio local) – o crescimento do acervo tornou inviável o espaço, dividido com a área de trabalho. Discutindo o assunto com Dr. Newton, meu grande assessor, não encontramos solução, mas ele se despediu com a seguinte frase: “O americano é muito prático e, quando não encontra solução para o problema, ele inverte”. Aquilo ficou gravado na minha cabeça, e o “computador pessoal” trabalha à noite. Acordei com a solução: inverter os espaços, transferindo o acervo para o salão de leitura (área muito maior), ficando o salão de trás para trabalho e leitura. O acervo ficou bem acomodado, mas a entrada principal foi

fechada e a área para leitura (e também trabalho) extremamente reduzida, sem condição para estudo. Levei o problema ao Diretor e, como resposta à minha insistência, fui autorizada a encontrar uma casa nas redondezas (para alugar) que pudesse abrigar a Biblioteca.

Com a ajuda de um aluno amigo da Biblioteca, que morava nas vizinhanças e era também funcionário da Faculdade, Francisco Braga de Andrade, o Braguinha, (mais tarde médico e professor) visitamos várias casas e, como era de esperar, não encontramos nenhuma em condições.

Naturalmente, continuei insistindo na busca de uma solução. Não conseguindo sensibilizar a Direção, mandei fotografar a área (leitura e trabalho) em hora de movimento e encaminhei Exposição de Motivo ao Diretor, documentada com as fotos mesmo conscientes do aborrecimento que iria provocar. Na verdade, nunca me incomodei de me “queimar” para tentar resolver os problemas da Biblioteca. Deu-se a segunda mudança para a área lateral do mesmo prédio, antes ocupada por laboratórios, com salas azulejadas como era natural. Fizemos a mudança e, mesmo precariamente, a Biblioteca passou a dispor de salas para leitura, acervo e atendimento ao usuário e ainda duas pequenas salas para trabalho e estudo dos professores.

O sonho e a meta de livre acesso para os livros continuou não sendo possível, sobretudo por ocupar a mesma área dos periódicos. Durante muito tempo, os periódicos eram emprestados, vez que não existia copiadora (Xerox). Esse empréstimo constituía uma preocupação e trazia problemas: enquanto o fascículo era emprestado por causa de um artigo, outros usuários estavam interessados em outros artigos do fascículo emprestado, isto sem falar no risco de perda e também na mutilação, o que, infelizmente, ocorria. O Diretor estabeleceu o mínimo de dez anos nas novas instalações. Dentro de cerca de três anos, o acervo já estava sendo “sufocado”, e as condições de trabalho cada vez piores.

Voltamos à luta. Desta vez, pela construção do prédio, já previsto nos planos e orçamento do Centro de Ciência da

**Fachada da Biblioteca de Ciências
da Saúde após reforma de 1995.
(1998)**



Saúde. Finalmente, entre 1969 e 1970, o prédio da Biblioteca foi construído e, mesmo com percalços e falhas, foi uma grande vitória.

Como “batalhas perdidas”, registro não ter conseguido convencer o Engenheiro-Chefe de fazer a descupinização do terreno, que eu conhecia bem e sabia cheio de cupim (praga que ainda hoje prejudica a Biblioteca), e serem

feitas divisões internas de alvenaria em lugar de somente divisões provisórias (exceção para o salão de periódicos) mais favoráveis às modificações. Devo dizer que o citado Engenheiro-Chefe (Professor da UFC) riu da “minha ignorância”, alegando que a dificuldade de demolir divisórias de alvenaria ou não, era a mesma. Como “batalha ganha”, ter convencido o citado Engenheiro a aproveitar os desvãos das escadas, que iriam ficar “emparedados”. Com isto, ganhamos uma pequena sala “nos fundos”, utilizada por muito tempo para a guarda do material de limpeza e, na entrada, uma sala de boas dimensões, utilizada, inicialmente, como Antiquário (hoje, Encadernação).

A Biblioteca ocupou, por muitos anos, somente o térreo, com a promessa de, mais tarde, ocupar o pavimento superior. Já passou por várias reformas e hoje ocupa parte do pavimento superior. Mesmo ocupando apenas o térreo por muitos anos, ofereceu condições para o acervo, salão de leitura, Referência, sala de chefia e ainda cabines individuais para estudo dos professores, estas com ar-condicionado.

Diz a sabedoria popular que três mudanças de uma biblioteca equivalem a um incêndio, o que, felizmente, não aconteceu com a nossa. Mesmo sem condições favoráveis e constituindo um trabalho pesado, todos nós da Biblioteca estivemos à frente de tudo evitando danos para o acervo.



Cabines para professores e pós-graduandos da Biblioteca de Ciências da Saúde. (1998)

Conclusão

A Biblioteca sempre procurou atender ao usuário e ao pesquisador da melhor maneira possível e com os recursos da época, estendendo o atendimento aos médicos que não tinham vínculo com a UFC, para pesquisa e consulta local.

A Pesquisa Bibliográfica era feita nas fontes impressas: de início, no Index Medicus, depois nos Indexes das outras áreas, Farmácia, Odontologia e Enfermagem. Os Indexes eram mensais, cobrindo (seletivamente) toda a literatura da área. No caso do Index Medicus, havia a Edição Acumu-



Setor administrativo no 1º andar
da Biblioteca de Ciências da Saúde.
(1998)

Processos técnicos no 1º andar da Biblioteca de Ciências da Saúde. (1998)



lada (mais tarde também do Index de Odontologia), o que facilitava a pesquisa retroativa, e a Edição Abreviada, abrangendo um número menor de periódicos, altamente selecionados, para atendimento de pequenas bibliotecas.

Além dos Indexes, dispúnhamos também dos *Abstracts*, trazendo resumos tão bons e informativos que, muitas vezes, dispensavam a leitura do artigo original não disponível na Biblioteca. Exemplo disso era a *Excerpta Medica*, que abrangia todas as especialidades em suas 22 seções.

A Biblioteca dispunha ainda de *Abstracts* de Higiene, Saúde Pública, Doenças Tropicais etc. Havia outras fontes (todas especializadas) como os *Advances* e *YearBooks* e *Annual Reviews*. Mesmo quando não havia copiadoras (tipo Xerox)

os artigos não disponíveis no acervo da Biblioteca eram obtidos através do IBBD em microfimes, legíveis através das máquinas de leitura apropriadas. Outro recurso era o empréstimo do próprio periódico, através do Empréstimo entre bibliotecas.

Com o advento da Xerox (e equivalentes) já na época da BIREME, passamos a dispor das cópias de papel, recebidas através dos malotes semanais. Tivemos o Terminal de Computador por algum tempo, como precursor da época da Informática, atingida depois e hoje em pleno desenvolvimento.

Estive à frente da Biblioteca da Faculdade de Medicina/Setorial do Centro de Ciências da Saúde/de Ciências da Saúde da UFC desde 1957 até 1983, tendo sido nomeada Diretora em 1979, graças ao empenho da Bibliotecária Maria Antonieta Figueiredo Bezerra, então Diretora da Biblioteca Universitária, através de Portaria do Reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto. Aposentada por tempo de serviço (1983, contando o tempo como professora primária municipal do Crato), estive afastada por nove meses para o curso do IBBD (1962) e ainda para implantar o SBD – Serviço de Bibliografia e Documentação, criado pela UFC, com pretensões a um “mini-IBBD”, Projeto que sempre considerei inviável (e apelidei de “natimorto”) também por nove meses (agosto de 1969 a abril de 1970), após os quais, voltei fazendo a mudança da Biblioteca para o prédio afinal construído após tanta luta.

Antes da minha aposentadoria, tive a satisfação de deixar na Biblioteca excelentes bibliotecárias, Gabrielita Carrhá Machado; Salemma Maria Lima Sugette; Maria do Socorro Melo Braga e Norma Carvalho Linhares. Gabriela (para os íntimos) trabalhava na Reitoria, mas já concluía Biblioteconomia e, aprovada no Concurso da UFC, foi nomeada bibliotecária e transferida para a Biblioteca.

Provinda do conforto dos gabinetes, eu a submeti a um “banho de fogo”, na arrumação do Antiquário. Saiu-se galhardamente, apenas com uma dificuldade logo superada.

Sendo canhota, teve de se acostumar com a arrumação dos livros para a direita (sentido horário). Gabrielita Carrhá Machado me sucedeu na Diretoria da Biblioteca seguida por Salemma Maria Sugette e por Norma Carvalho Linhares. As duas últimas já tinham estagiado na Biblioteca como alunas do curso de Biblioteconomia.

Norma de Carvalho Linhares foi aprovada (e muito bem classificada) nos Concursos da UFC para bibliotecária e para professora (Curso de Biblioteconomia) mas optou pelo cargo de bibliotecária (perdeu o curso, ganhou a Biblioteca) e, como, providencialmente, surgiu uma vaga, consegui sua nomeação para a Biblioteca, o que me deixou feliz. Saí segura de ter deixado uma bibliotecária competente que iria amar a “minha Biblioteca” tanto quanto eu (me superou nos dois quesitos). Hoje, desde 1996, a Norma é a Diretora e foi na qualidade de Chefe (manda quem pode, obedece quem tem juízo, e eu tenho) quem praticamente exigiu de mim esta tarefa.

Pretensiosa, no que diz respeito à Biblioteca, “sonhei alguns sonhos” que conto a seguir. Ao tomar conhecimento do Projeto da OPAS/OMS da implantação da BIREME, tive a petulância de escrever à citada Organização, sugerindo a escolha da Biblioteca da Faculdade de Medicina da UFC, argumentando ser o Ceará área de confluência (recebe alunos dos estados vizinhos) e dispor de um bom acervo (sobretudo periódicos). Naturalmente, não recebi resposta. Outros sonhos mais modestos: aquisição de uma Minigraph, anos depois adquirida pela BIREME, que foi muito útil, e outra máquina para automatizar o empréstimo “Lending Library Loan”, para o qual pedi “Invoice pro-forma”. Não consegui a aquisição dessa máquina, mas hoje tenho a satisfação de ver o empréstimo informatizado. É gratificante ver o futuro concretizar os sonhos.

Casos e causas



Foram muitos (a maioria ditados pela minha inevitável irreverência), entre eles, o da arrumação dos livros nas mesas, quando da mudança para o prédio novo. Felizes da vida com as novas instalações, começamos a arrumação pelo Setor de Periódicos, dispondo da maneira correta e deixando espaço para o crescimento das coleções, o que ocupou a maioria das estantes. O resultado disto foi que as estantes que sobraram não foram suficientes para os livros, considerando sobretudo o livre acesso (há muitos anos pretendido). Comuniquei ao Diretor a necessidade de compra de mais estantes, mas não fui atendida, pois, segundo ele, já tinha sido comprado tudo o que era possível para a Biblioteca.

De fato, pela primeira vez, foram comprados birôs e cadeiras (exceto as primeiras, tipo DASP, ainda hoje utilizáveis) e ainda confeccionadas algumas mesas (redondas de boa madeira) para o Setor de Referência. Mesmo correndo o risco de ser “amarga” (era assim que o Diretor rotulava meus Relatórios anuais, nos quais relatava os Planos e Metas do ano anterior versus o que tinha ou não concretizado) devo dizer que, até então, somente um birô havia sido comprado para a Biblioteca (para mim), os outros eu sempre “corria e herdava” da Secretaria, quando adquiriam birôs novos.

Deparei-me, pois, com um problema: não havia como arrumar a maior parte dos livros e não podia deixá-los encaixotados, para prejuízo sobretudo dos alunos. Não encontrei outra solução senão reunir as mesas, após as últimas estantes e arrumar os livros restantes (e eram muitos) a fim de torná-los acessíveis aos usuários. Nesses primeiros dias, a Biblioteca era muito visitada pelo Diretor, satisfeito com a construção do prédio (pelo que sempre me mostrei agradecida), querendo mostrá-lo aos visitantes.

Na primeira visita após a arrumação, o Diretor ficou indignado, só faltando “me fulminar”. No dia seguinte, porém as estantes foram compradas e pudemos finalizar a arrumação. Consciente de que a solução encontrada ia desagradar, não tive outra alternativa para forçar a compra das estantes necessárias. A verdade é que o bibliotecário está sempre a



**Inauguração da Sala de Obras
Raras Cleide Ancilon.
(2010)**

se desgastar e a desagradar para conseguir o melhor para a Biblioteca. Outro problema difícil é o que diz respeito às doações. A maior parte das pessoas tem escrúpulos de jogar livro fora, mesmo hoje com a reciclagem.

Os livros didáticos, em qualquer nível, ficam ultrapassados e constituem o maior problema. No caso de livros de Medicina, acontece que médicos mudam para apartamentos, escolhem os livros úteis e querem doar o restante para a Biblioteca. O mesmo acontece nos casos de morte, a família seleciona e fica com o que há de melhor “e o restante para a Biblioteca”.

Ocorre que as bibliotecas têm, ou deveriam ter, a sua política de aquisição, quer se trate de compra, permuta ou doação e o livro que não interessar ao acervo não pode ocupar lugar, muito menos ser catalogado, classificado etc. O espaço é sempre problema, e o catálogo, manual ou informatizado, é, comprovadamente, a publicação mais cara da biblioteca, não podendo, nem devendo ser desperdiçado (problema custo-benefício).

Certa vez, fui forçada a dizer a um professor, depois que esgotei todos os argumentos para não receber sua doação de livros velhos (ele acabara de se mudar para apartamento) e diante de sua insistência em mandá-los para a Biblioteca: “O seu lixo é mais perto que o meu, portanto, não faça isso”. Confesso que sou mesmo um caso sem jeito. Acontece diferente com a doação de periódicos, vez que completa claros, nossos ou de outras bibliotecas, existentes nas coleções, através das Listas de Duplicatas e, na época, Serviço de Permuta e Intercâmbio.

O caso mais difícil, porém, foi o da Steckert-Hafher, Agente Americana de Assinatura de Periódicos. Conforme já foi dito, as assinaturas de periódicos eram encomendadas antecipadamente (no final do ano anterior) para evitar interrupção no recebimento. Nesse ano, a encomenda havia sido feita à Steckert-Hafher (EEJU), com quem já trabalháramos outras vezes, as verbas foram cortadas e ficamos em débito com a Agência.

Em vão, foram as nossas cartas de explicação, desculpas e promessas de pagamento logo que possível. A Agência exigiu a quitação do débito, e não tínhamos como fazer. Fomos ameaçados de boicote (envio de circular às demais Agências, registrando a Biblioteca como caloteira, e tudo isso em inglês). O fato era grave, vez que estavam em jogo os nomes da Biblioteca e da Universidade Federal do Ceará.

Com a valiosa ajuda do Dr. Newton, o Diretor conseguiu uma verba extra, e tivemos de usar um expediente também extra para a quitação da dívida. Graças aos contatos do Dr. Newton, comprei dólar no então chamado “câmbio negro”. Não havia casas de câmbio na época, apenas carteira de câmbio em alguns bancos, onde se podia comprar a moeda legalmente, e lá fui eu a um “escritório”, altos de um prédio da rua Major Facundo, próximo à Praça do Ferreira.

Confesso que subi aquelas escadas (sozinha) “de pernas bambas” e morrendo de medo. Comprei esses dólares em papel moeda, cheque nominal “endossado” e *travel-check*. Juntei todo esse dinheiro a uma carta à Steckert-Hafher, previamente feita, e fui ao London Bank (rua Barão do Rio Branco com São Paulo), entregando diretamente ao gerente, conforme acertado por Dr. Newton, sem receber nenhum recibo ou comprovante. Os dólares, acompanhados da carta foram remetidos à Steckert-Harfher, pelo malote do London. Fiquei de coração na mão até receber carta da dita Agência acusando e agradecendo a remessa e renovando o crédito da Biblioteca. Deus seja louvado!

Finalizando: e essa foi a História/Estória da Biblioteca da Faculdade de Medicina, escrita em uma linguagem informal, quase íntima e coloquial, no período de 1957 a 1983, vivido, lutado e sofrido por sua primeira bibliotecária, Cleide Ancilon de Alencar Pereira, que teve o privilégio de trabalhar na área médica, onde mais se lê, estuda e pesquisa, tendo Waldemar Alcântara como Diretor e Dr. Newton Gonçalves como assessor.

Encerro estas notas, citando o famoso médico canadense William Osler: “É assombroso o quão pouco o médico precisa estudar para fazer Medicina, mas mais assombroso ainda é o mal que pode fazer”.

Fortaleza, 18 de setembro de 2009 a 18 de janeiro de 2012.

Cleide Ancilon de Alencar Pereira

Depoimentos



Cleide Ancilon de Alencar Pereira



Mestra, Profissional, Chefe e, acima de tudo, Amiga.

Posso dizer que tive o privilégio de estar próxima deste incrível ser humano em todas essas etapas.

Como MESTRA dedicada, soube, como ninguém, transmitir conhecimentos e experiências. Amava o magistério tanto que, ao ter de optar entre a mestra e a profissional, escolheu dar continuidade à formação de novos profissionais.

PROFISSIONAL extremamente preparada, com grande capacidade de liderança, organização, visão de futuro, durante anos, estruturou a Biblioteca de Ciências da Saúde, tornando-a a mais importante e respeitada das Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará.

A CHEFE era firme, mas sabia, com doçura, chegar a todos na difícil tarefa de comandar seres humanos.

A AMIGA, encontrar alguém como ela é difícil. Sempre disposta a ajudar tantos nos bons quanto nos maus momentos. Disponível para ouvir, aconselhar, acalmar. Quando, na Direção da Biblioteca, muitas vezes fraquejei, esteve ao meu lado apoiando. No momento da saída, que não foi fácil, dela recebi todo carinho e apoio.

Pequena, frágil, mas uma grande mulher. Saudades.

**Norma de Carvalho Linhares,
ex-diretora da BCS.**

Inauguração da Sala de Obras Raras Cleide Ancilon.
Da esquerda para a direita , as ex-diretoras da
Biblioteca de Ciências da Saúde: Gabrielita Carrha,
Maria Socorro Braga, Cleide Ancilon, Norma Linhares
e Sálemma Sugette.
(2010)



A bibliotecária como oráculo do saber e do aprender



Cleide Ancilon de Alencar Pereira não foi apenas a precursora do Sistema de Bibliotecas da UFC, tendo pensado, organizado e dado vida à primeira biblioteca da Faculdade de Medicina. Paralelo a essa empreitada de inovações — o que a tornou uma mulher, uma bibliotecária e uma professora de vanguarda — ela também fundou o Curso de Biblioteconomia desta mesma universidade.

Após a criação da então Biblioteca de Ciências da Saúde, ela deixou a biblioteca em mãos responsáveis, enquanto se dirigia à Biblioteca Nacional (BN) no Rio de Janeiro para fazer um Curso Aprofundado de Biblioteconomia, de onde tiraria as bases teóricas, conceituais e metodológicas para a criação do curso tão sonhado, o que fez com que seu nome se eternizasse na memória e na história da UFC e da Biblioteconomia brasileira.

Quando voltou do Rio de Janeiro, trazia não apenas o projeto do Curso de Biblioteconomia, que fundou em 1964 e que teve sua primeira turma iniciando a graduação em 1965, em sua bagagem, também trouxe outras vivências e muitas leituras sobre sua especialização na seara das ciências da saúde.

Com esses estudos e vivências, transformou a Biblioteca de Medicina num dos mais respeitáveis laboratórios de estudos e pesquisa. Em seus relatos, ela sempre deixou claro que a biblioteca era um local de intenso trânsito de alunos, que liam, discutiam, elaboravam trabalhos e projetos; onde os professores atualizavam suas bibliografias e onde a vida acadêmica se tornava plena.

A bibliotecária reta, dedicada e de uma erudição invejável dialogava com a professora e seus laboratórios de ensino,

Comemoração dos 50 anos
do curso de Biblioteconomia.
Professor Tadeu Feitosa e
Cleide Ancilon.
(2014)



diferenciando-se dos demais profissionais atuantes no campo das ciências da saúde. Em depoimento sobre sua trajetória profissional, Cleide Ancilon se orgulhava em dizer que muitos médicos professores e acadêmicos da Faculdade de Medicina faziam dos labirintos de estantes da biblioteca suas trilhas de investigação e aprofundamento de conhecimentos. Não por acaso, muitos deles a chamavam de professora.

Na mesma biblioteca, criou seções de acervos e serviços especializados, a fim de atender às especializações de pesquisa que se lhe apresentavam. Um trabalho árduo, que implicava estudos especializados junto a médicos da FAMED, a elaboração de bibliografias múltiplas e serviços de referência e de orientação de pesquisa.

Focada nas missões profissionais que o mundo informacional e científico lhe apresentava, Cleide Ancilon devotou-se a seus fazeres bibliotecários e acadêmicos com tenacidade e uma força incomum de trabalho. Nas aulas que ministrava para uma legião de hoje bibliotecários, a professora e bibliotecária chamava atenção para o papel inalienável da ética, da retidão de caráter, da proatividade profissional quando o termo sequer era usado pelos ditames administrativos.

Como um oráculo do saber e do aprender, uma conselheira sempre atenta e solícita, Cleide Ancilon fez da sua história uma narrativa mítica na qual devemos nos espelhar. A UFC e, mais particularmente, a sua Faculdade de Medicina deve a essa grande mulher todos os seus agradecimentos.

Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

A sombra que sonha

*O ser humano é uma sombra que sonha
e dos sonhos constrói prédios.
Há aqueles que dão nomes aos prédios,
outros emprestam seus nomes a estes,
e ainda quem apenas desfrute das sombras.
Os prédios serão demolidos e substituídos,
por novos sonhos e prédios, tudo passa.
Mas há quem dá vida aos prédios,
construindo lembranças, emoções
e eterna gratidão pela simplicidade.
Servir ao próximo com dedicação e competência
é honrar sua arte, dando o melhor de si.
Dever de consciência tranquila,
paz de espírito renovado,
propagação da bondade imerecida do Criador.*

Conheci a professora Cleide Ancilon de Alencar Pereira em 1974 como diretora da Biblioteca de Ciências da Saúde da UFC, cargo que ocupava desde 1957. Meu jovem coração palpitava quando me dirigia à Biblioteca, setor de periódicos, onde Cleide, com atenção diferenciada, atendia a todos, fazendo chegar aos pesquisadores os trabalhos solicitados pelo sistema BIREME. Chamava atenção o estilo de trabalho da professora Cleide Ancilon, que repercutia em todos os ambientes da biblioteca. Já era totalmente lapidada por Deus para desempenhar, de maneira impecável, suas funções. Nessa época eu frequentava a Biblioteca diariamente até o encerramento das atividades. Aprendi a admirá-la, respeitá-la e foi natural o crescimento de nossa amizade através do mundo encantador dos livros.

Após aposentadoria e posterior reconhecimento como Professora Emérita da Universidade Federal do Ceará (2004), Cleidinha como era tratada pela gestora que a substituiu, Professora Norma de Carvalho Linhares, frequentava semanalmente a biblioteca, cuidando voluntariamente do arquivo de periódicos antigos. Foi nessa fase que a nossa aproximação se tornou mais intensa, pois tínhamos em comum o sonho de criar um setor de obras raras. Depois de seis anos (2010), foi inaugurado esse ambiente com um acervo inicial de trezentas obras.

A disciplina de História da Medicina (MF9948) e o projeto de extensão Preservação de Livros Históricos da Medicina (QC00.2011.PJ.1239) têm muito a agradecer à Professora Emérita Cleide Ancilon de Alencar Pereira, por sua inestimável contribuição, exemplo de humildade, capacidade, dedicação e competência, sem descuidar do carinho e do toque feminino que emolduravam suas ações.

Cleidinha gostava de dizer: “Importantes Instituições de Ensino têm uma arquitetura em comum: Uma boa Biblioteca cercada de prédios por todos os lados”.



**Inauguração da Sala de Obras
Raras Cleide Ancilon.**
Professor Doutor Dary Alves
e Cleide Ancilon.
(2010)

Assim é constatado do alto dos seus 70 anos a Faculdade de Medicina (1948-2018) da Universidade Federal do Ceará no atual Campus de Porangabuçu em relação à Biblioteca de Ciências da Saúde.

Prof. Dr. Dary Alves Oliveira

DO CEARÁ
A SAÚDE

Biblioteca de Ciências da Saúde

A
história
continua





Servidores da Biblioteca de Ciências da Saúde.

Na fila da frente, da esquerda para a direita: Eliene Gomes (atual diretora da BCS), Érika Leite, Valder Cavalcante, Denise Barbosa, Edvaldo de Sousa, Adeli Gomes e Francisco Eliezer Martins. Na fila de trás, da esquerda para a direita: Bernardo Silveira, Wanderson Cássio Oliveira, Ulisses Vieira, Raimundo César Campos, José Rafael Oliveira e Carlos Magno Lopes. (2018)



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ



70 ANOS
BIBLIOTECA
DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE